



DESVENDANDO OS SEGREDOS DA LÍNGUA: O ETHOS DISCURSIVO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BLOG “DICAS DE PORTUGUÊS”

Agnaldo Almeida¹

PG/Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção de imagens da língua portuguesa no blog *Dicas de Português*, cujas postagens são assinadas por Sérgio Nogueira. Teoricamente, utilizamos os postulados de Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2010) em relação às noções de discurso constituinte e de *ethos* discursivo, sobre esta última trazemos ao texto as contribuições de Ruth Amossy (2008). Remetemo-nos também aos estudos de Michel Foucault (2009) no que diz respeito ao jogo de poder instaurado em nossa sociedade e os procedimentos de controle e delimitação do discurso. Desse modo, pretendemos investigar as seguintes questões: a mídia, em especial o blog em análise, colabora para a reafirmação do ideal de língua homogênea? As análises apresentadas neste espaço enunciativo são consistentes do ponto de vista dos estudos linguísticos? Em nossas análises, verificamos que a construção do *ethos* discursivo da língua portuguesa no blog *Dicas de Português* colabora para a perpetuação de uma imagem de língua homogênea e pura, visto que seus falantes devem abolir de seu vocabulário as formas “erradas” de falar e escrever. Além disso, a imagem de língua apresentada é simplificada, uma vez que não leva em conta o processo de mudança e as variações linguísticas, o viés apresentado é pautado somente na gramática normativa.

Palavras-chave: língua portuguesa; mídia; discurso.

Abstract: This paper aims to analyze the construction of images of the Portuguese language in the blog *Dicas de Português*, whose posts are signed by Sérgio Nogueira. Theoretically, we use the postulates of Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2010) in relation to notions of constituent speech and discursive ethos, on last bring to text contributions by Ruth Amossy (2008). We refer also to the studies of Michel Foucault (2009) with regard to the power play set up in our society and the control procedures and delimitation of the discourse. In this way, we intend to investigate the following issues: the media, especially the blog, collaborates for the reaffirmation of the ideal of homogeneous language? The analyses presented in this example are consistent from the point of view of linguistic studies? In our analysis, we find that the construction of the discursive ethos of the Portuguese language in the blog *Dicas de Português* collaborates to the perpetuation of a homogeneous language and pure image, as its speakers should abolish its vocabulary "wrong" ways of speaking and writing. In addition, the image presented language is simplified, since it does not take into account the process of change and linguistic variations, the bias is based only on the normative grammar.

Keywords: portuguese language; media; discourse.

Introdução

O interesse pelos estudos da linguagem é antigo. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, os estudos gramaticais e filológicos constituíam os pilares de tais estudos. Porém, é no início do século XIX, com a publicação do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, que a Linguística (denominada moderna) adquire *status* de cientificidade, com seu objeto de análise e métodos próprios.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso: Discursos da América Latina: vozes, sentidos e identidades, 2011, Belo Horizonte.

A Linguística emerge, então, com o objetivo de refletir sobre tudo aquilo que faz parte da língua, buscando uma regularidade, ao contrário da gramática tradicional (normativa), uma das bases dos estudos da Antiguidade greco-romana, que prescreve as normas para o uso “correto” da linguagem. Mais tarde, em meados dos anos de 1960, é implantada a disciplina Linguística no currículo dos cursos de Letras das universidades brasileiras, mas o ensino nas escolas continua pautado na gramática normativa, o que acontece em grande escala até o presente momento (ALMEIDA *et al.*, 2010).

A instituição escolar perpetua que o domínio da norma padrão, uma entre tantas outras com valores semelhantes do ponto de vista linguístico e valores desiguais do ponto de vista social (FARACO, 2008), é um dos princípios básicos para que os falantes de uma determinada língua alcancem objetivos pessoais e profissionais, constituindo-se cidadãos. Assim, quem não possui tal domínio é colocado à margem social, sendo largamente discriminado. A mídia, assim como a escola, está encoberta com um véu ideológico de neutralidade, já que é apresentada como uma instituição que não estaria a serviço dos interesses de nenhuma classe social, e sim do saber (PACHECO, 2008).

Nesse caminho, buscamos no presente trabalho analisar o *ethos* discursivo da língua portuguesa construído na/pela mídia brasileira, especificamente pelo blog *Dicas de Português*, a fim de compreender se essa construção de imagens colabora para um ideal de pureza linguística, e se são apresentadas análises aprofundadas do ponto de vista dos estudos linguísticos modernos. Com base em outros estudos, como os de Possenti (2009a, 2009b) e Baronas (2003), pretendemos corroborar a asserção de que a mídia faz análises puramente normativas, visando o uso “correto” da língua, com análises rasas, simplificadas e repetitivas.

Teoricamente, filiamo-nos à Análise do discurso de linha francesa, principalmente aos trabalhos: de Dominique Maingueneau (2008a, 2008b, 2010), em relação às noções de discurso constituinte e de *ethos* discursivo; de Ruth Amossy (2008) ainda em relação à noção de *ethos*; de Patrick Charaudeau (2007), sobre o funcionamento midiático; de Michel Foucault (2009), ao observarmos o controle da produção de discurso em nossa sociedade; e, conseqüentemente, o papel que a mídia tem como instauradora de discursividades, uma vez que ela estabelece as regras do “bem viver” e do “bem falar”. Destarte, enquadraremos tal investigação nas teorias da Análise do discurso porque levamos em consideração o sujeito e os sentidos apreendidos como construções sociais, situadas na história e ideologicamente. Assim, a mídia assume um papel importante na constituição de sentidos, pois ela além de transmitir informações, propaga valores e ideologias, em geral da classe dominante. Como bem



postula Bourdieu (1996), a detenção do poder da língua oficial está diretamente ligada aos dominantes, ou seja, àqueles que ditam como deve ser estabelecido o uso padrão dessa língua.

Nesse contexto, as instituições de ensino, assim como a mídia, impõem as normas consideradas legítimas ou legitimadas pela sociedade. Consequentemente, para não serem excluídos do sistema social, os participantes que compõem o grupo dominado são obrigados a internalizar o conjunto de regras proposto pela classe dominante. Muitas são as relações de poder que recortam a malha social, como afirma Foucault (2009). A seguir, discutimos os procedimentos de controle e delimitação do discurso, e a mecânica do poder que a mídia exerce em nosso espaço social.

Mídia, procedimentos de controle do discurso e relações de poder

De acordo com Foucault (2009), em toda sociedade ocidental há procedimentos de controle do discurso (sistemas de exclusão), tanto externos quanto internos. Fazem parte do primeiro tipo de procedimentos a *interdição*, a *separação ou rejeição* e *vontade de verdade*. Segundo o autor, a *interdição* é princípio de exclusão mais evidente, uma vez que sabemos que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2009, p. 9). A *separação ou rejeição* é exemplificada pelo autor pela oposição entre razão e loucura. O louco é aquele cujo discurso é impedido de circular como o dos outros, pois ora é visto sem valor algum de verdade, ora é definido como dotado por poderes. Já o terceiro princípio está centrado na *oposição verdadeiro versus falso*. Foucault (2009) afirma que desde a Idade Média perpetua-se o discurso verdadeiro, o qual é pronunciado por quem tem direito, segundo um ritual requerido. Sendo assim, tal filósofo (2009, p. 17) argumenta que a *vontade de verdade*, assim como os outros sistemas de exclusão, apoia-se num suporte institucional, já que é reforçada “por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas [...]”, assim como é reconduzida “[...] pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Quanto aos procedimentos internos de controle do discurso, temos: o *comentário*, a *autoria* e a *disciplina*. Estes funcionam segundo os critérios de classificação, de ordenação e de distribuição dos discursos, visto que eles exercem seu próprio controle. O *comentário* diz respeito ao conjunto ritualizado de discursos que existe em nossa sociedade, os quais são retomados e transformados. O *princípio de*

autoria, por sua vez, é apreendido não como o sujeito que profere ou escreve um texto, mas como um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de coerência.” (FOUCAULT, 2009, p. 26). Já a *disciplina* opõe-se aos dois acima. Ao do autor, pois a disciplina requer “um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnica e instrumento” (FOUCAULT, 2009, p. 30). Ou seja, a disciplina é um sistema autônomo válido a todos que queiram utilizá-la, independente do seu inventor. Ao do comentário, uma vez que a disciplina sugere a construção de novos enunciados, e não uma identidade a ser repetida, como supõe o comentário.

Foucault (2009) afirma ainda que existe um terceiro grupo de princípios de controle dos discursos, o qual determina quem pode ou não ter acesso a eles. Nessa perspectiva, este conjunto de princípios é caracterizado pela rarefação dos sujeitos que falam, já que nem todas as regiões do discurso são abertas e penetráveis. Enquanto algumas são altamente proibidas, outras parecem livres ao acesso de qualquer sujeito. Temos, assim, as *sociedades de discurso*, cuja função é produzir e conservar discursos num espaço fechado, obedecendo a regras rigorosas.

Partindo dessas premissas, acreditamos que a mídia perpetua socialmente o controle dos discursos e instaura ideologias, as quais são determinantes para a construção da imagem que fazemos da nossa língua materna, assim como de seu ensino. Sobre o funcionamento midiático, Charaudeau (2007) observa que acreditamos que a mídia tem o papel primordial de informar, trazer a público o que ocorre no espaço social, sendo comprometida com a verdade e transparência. No entanto, ela exerce um papel (auto)manipulador e deformador, na medida em que mostra os acontecimentos a qualquer preço, torna visível o invisível, seleciona o que é mais surpreendente, afastando-se do que é fiel, do que é verdadeiro.

O referido autor adverte que existe um ponto de vista ingênuo a respeito das mídias, quando aceitamos que a informação transmitida é transparente e íntegra. Assim, não levamos em conta: o tratamento da informação, que é o transpor em linguagem os fatos selecionados; a polissemia, que são os vários sentidos que o texto pode despertar; a sinonímia, que são os sentidos aproximados; a polidiscursividade, carregada de valor referencial, enunciativo e de crença do receptor; e o jogo do dito e não-dito. Para ele, é necessário que conheçamos as fontes para verificar a validade da informação fornecida, já que a mídia faz uma seleção, um recorte do que lhe interessa, levando em consideração o não saber do receptor. Porém, muitas vezes temos somente a versão midiática, sem termos um verdadeiro contato com as fontes.

Há de se observar ainda, conforme Charaudeau (2007), o fato de que o sentido não é dado antecipadamente, mas construído pela interação. Nesse contexto, observamos a mecânica de construção de sentido, que é a transformação e a transação. O primeiro consiste na descrição, o contar, o explicar; o segundo, na significação psicossocial proposta por quem fala e o efeito que se pretende produzir no outro. O tempo, por seu turno, é um fator primordial para a transmissão midiática, já que há o desejo de veicular as notícias o quanto antes, por isso podemos afirmar que o discurso de informação midiática é efêmero e a-histórico. Ele é efêmero pelo seu caráter de brevidade, dura muito pouco, podendo ter uma duração maior se acrescentado novos fatos com carga de inesperado; e a-histórico, pois não dá importância nem ao passado nem ao futuro, ele se fundamenta no presente, na atualidade.

Portanto, a mídia utiliza-se de diversos procedimentos para veicular as informações que lhes são necessárias para a manutenção da máquina midiática, assim como para adquirir credibilidade dos seus telespectadores, os quais compõem um grupo amplo e heterogêneo. A mídia modela seu discurso a depender do *ethos* (imagem) que tem de seus telespectadores, os quais aderem ou não a tal discurso. Nessa perspectiva, discutimos a seguir, as noções de *ethos* discursivo e discurso constituinte, as quais serão necessárias para a análise dos nossos *corpora*.

Discurso constituinte, *ethos* discursivo: o que são?

Para Dominique Maingueneau (2008b), a *Cena de enunciação* é constituída pela *cena englobante* – correspondente ao tipo de discurso em que o enunciado está inserido (discurso religioso, publicitário etc.); *cena genérica* – equivalente ao gênero do discurso, o qual requer um contexto específico (papeis, circunstâncias, finalidade do discurso religioso, por exemplo); e a *cenografia* – instituída pelo próprio discurso, e não pelo seu tipo ou gênero, pois “o discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 117). Ligados à *Cena de enunciação*, interessamo-nos no presente trabalho pelos conceitos de discurso constituinte e *ethos* discursivo, os quais são necessários para verificarmos se a mídia colabora para a reafirmação de um ideal de língua pura, com análises filiadas puramente à tradição dos estudos da gramática normativa.

Em relação aos discursos constituintes, Maingueneau (2008b, 2010) nos orienta que estes não reconhecem uma autoridade maior que a deles próprios, isto é, não há discursos superiores a eles. Assim,

temos como exemplos de discursos constituintes: o discurso religioso, literário, filosófico, científico. O discurso político, por sua vez, encontra-se em confluência entre os discursos constituintes nos quais se apoia, já que há interação entre os próprios discursos constituinte e com os discursos não-constituintes. Porém, aqueles negam essa interação ou a reduz aos seus princípios.

Socialmente, os discursos constituintes têm uma função simbólica – *archeion*, pois estão ligados à sede de verdade, como bem define Maingueneau (2008b, p. 38): “O *archeion* associa assim intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadores consagrados e uma gestão da memória”. Estes discursos dão sentido aos atos da coletividade, pois são fiadores de diversos gêneros do discurso, delimitando lugares-comuns da coletividade.

Para não se autorizarem por si mesmos, os discursos constituintes corroboram que são oriundos de uma *Fonte Legitimadora*, ou seja, são ancorados a um *Absoluto*. No entanto, “esse Absoluto que se supõe como exterior ao discurso para lhe conferir sua autoridade deve, de fato, ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 159). Eles se encontram numa localidade paradoxal, que é a chamada *paratopia*, formando as *comunidades discursivas*, as quais compartilham um conjunto de normas e ritos. Sendo assim,

[...] não é ao conjunto dos membros da sociedade que cabe avaliar, produzir e gerir os textos constituintes, mas a comunidade restrita. [...] os produtores desses textos se põem de acordo com as normas internas de um grupo, não diretamente com uma doxa universalmente partilhada. Os lugares institucionais de onde emergem os textos não se ocultam por trás de sua produção, eles moldam através de uma maneira de viver (MAINGUENEAU, 2008b, p. 44).

Dessa forma, os *discursos paratópicos* – discursos constituintes – se distinguem dos *discursos tópicos* – o restante da produção discursiva da sociedade – uma vez que o sujeito de um discurso cotidiano não pode modificar o quadro preestabelecido em que seu enunciado está inserido. No discurso constituinte, por sua vez, “o locutor deve dizer construindo o quadro desse dizer, elaborar dispositivos pelos quais o discurso encena seu próprio processo de comunicação [...]” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 51). Os discursos constituintes são inscritos socialmente, pois tais discursos conferem uma autoridade particular aos seus enunciados. Maingueneau (2008b, p. 53) afirma ainda que, “a legitimação de um enunciado não passa somente pela articulação de proposições, ela é habitada pela evidência de uma *corporalidade* que se dá no próprio movimento da leitura”, ou seja, um *ethos* discursivo.

Originado na antiguidade clássica, o estudo do *ethos* foi abordado inicialmente por Aristóteles em seu livro denominado *Retórica*. Para este filósofo, além de sabermos nos expressar perante o público, temos que mostrar confiabilidade e honestidade (através de tom de voz, gestos, postura, olhar, escolha lexical etc.), pois nosso discurso só será aderido enquanto tal e será instaurador de sentidos se obtivermos a confiança do auditório. Dessa forma, para inspirar confiança, o orador deve se valer da prudência (*phronesis*), da virtude (*areté*) e da benevolência (*eunoia*). Ainda segundo Aristóteles, o *ethos* possui valor igual ou superior ao *logos*, argumentos utilizados pelo orador.

Maingueneau retoma esta noção na Análise do Discurso de linha francesa a partir dos anos de 1980. Ao trazer o conceito de *ethos* para a AD, este teórico vai além dos estudos retóricos, visto que estes não levavam em conta a construção do *ethos* em textos escritos. Sendo assim, Amossy (2008, p. 9) afirma que todo ato de tomar a palavra e utilizá-la em um ato conversacional implica na construção de uma imagem de si, a qual revela nossas intenções e preceitos acerca do que estamos nos referindo no discurso.

O *ethos* não se constitui em um discurso que é dito claramente, mas no que é mostrado, como bem observa Maingueneau (2008b, p. 59), “[...] o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. Ele permanece, por natureza, no segundo plano da enunciação: ele deve ser percebido, não deve ser objeto do discurso”. Com efeito, vemos que alguém, diante de um auditório, pode enumerar diversas qualidades, porém deve transparecer portador de tais virtudes para que seu discurso seja considerado legítimo.

O *ethos* está ligado à enunciação, momento este em que levamos em consideração fatores como: a imagem que se faz do Outro, a imagem que Outro faz do Eu, a imagem que o Eu e o Outro fazem do referente etc. Esse Outro, por seu turno, constrói um *ethos* pré-discursivo, ou seja, antes mesmo que o orador tome a palavra, o Outro idealiza uma imagem pré-construída, já que “mesmo que o destinatário não saiba nada antecipadamente sobre o *ethos* do locutor, o simples fato de um texto pertencer a um gênero de discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 60). E essa imagem tanto pode ser desfeita quanto intensificada ao se tomar a palavra, pois sabemos que o *ethos* está fundamentado nas representações valorizadas e desvalorizadas, ou seja, nos estereótipos.

Ruth Amossy (2008) e Maingueneau (2008a), ao abordarem o conceito de estereótipo, lembram que este é uma representação cultural preexistente, que modela a visão de si, do locutor e de sua plateia.

Deste modo, o locutor situa seu discurso de acordo com seu público e suas características sociais, étnicas e políticas. Logo, o *ethos* pretendido nem sempre é o *ethos* percebido. Maingueneau (2008b, p.65) acrescenta ainda que a incorporação de um *ethos* pelo ouvinte se dá num *mundo ético*, ou seja, por “um estereótipo cultural que subsume determinado número de situações estereotípicas associadas a um comportamento”. Temos, assim, o *mundo ético* dos executivos, das celebridades etc. Portanto, a partir destes pressupostos, analisaremos a seguir os *posts* do blog *Dicas de Português*, mantido e atualizado por Sérgio Nogueira, a fim de compreender a imagem construída da língua portuguesa.

Como não “tropear na língua” e desvendar os seus “segredos”: *Dicas de português*

Como afirmado anteriormente, a construção do *ethos* discursivo se dá em todas as circunstâncias interativas, sejam elas orais ou escritas. A fim de verificar se a mídia colabora para a reafirmação do ideal de língua pura, analiticamente, procedemos inicialmente à delimitação dos *corpora*. Sendo assim, foram selecionadas postagens do blog *Dicas de Português* veiculadas no período de 15/06/2011 a 29/06/2011. O referido blog encontra-se na rede desde setembro de 2006, e as postagens são disponibilizadas em blocos uma vez por semana (somente às quartas-feiras).

Este tipo de blog é comumente encontrado na internet, visto que há um grande público interessado neste tipo de postagem, ou seja, soluções rápidas para os ditos “erros” gramaticais. Como exemplo de outros *sites* e blogs e seus respectivos responsáveis, temos: *UOL educação: dicas de português*, de Thais Nicoleti; *Dicas de Português*, de Paulo Hernandes; *FOVEST: dicas de português*, de Dílson Catarino; entre outros. Os leitores os alimentam com dúvidas e requerem análise e dicas, como podemos observar nos seguintes enunciados:

- (1) Prof. Sérgio, qual seria o correto: “Atendendo a pedidos” ou “Atendendo aos pedidos”?
- (2) Olá Sérgio, eu e meus colegas de trabalho estamos com uma dúvida. O correto é “Fui ao Itororó” ou “Fui ao Tororó”? Por favor nos tire essa dúvida, estamos até brigando por isso!
- (3) Olá professor. Descobri esse blog recentemente e amei, muito obrigada por postar maravilhosas dicas! Eu gostaria muito que o senhor me ajudasse. Como escrever um texto sem o deixar com a



”leitura cansativa”? Existe algum tipo de truque, por exemplo? Obrigada mais uma vez por este maravilhoso blog .

Nos enunciados acima arrolados, as requisições para resolução de dúvidas são diversas, porém com a mesma finalidade: qual a forma de falar e escrever “corretamente” ou mesmo redigir um bom texto. E, para isso, nada melhor que a opinião de um professor de língua portuguesa (gramática normativa). Nesse sentido, constatamos que a posição de professor de Sérgio Nogueira colabora para que suas respostas sejam consideradas legítimas e verdadeiras, já que sabemos que o professor, geralmente, é considerado o portador das verdades sobre uma determinada disciplina. Concordamos com Bourdieu (1996), quando este afirma que em nossa sociedade há rituais que autorizam ou desautorizam que determinada pessoa profira e valide um determinado tipo de discurso, ou seja, o professor é um porta-voz autorizado para falar à população em geral sobre as “verdades” de uma disciplina. Retomamos, dessa maneira, a *interdição*, um dos princípios de controle do discurso levantados por Foucault, já que Sérgio Nogueira não fala do posicionamento de um jornalista, ou de um internauta, e sim da posição de professor de língua portuguesa.

Em se tratando da construção do *ethos* discursivo, mesmo antes de ter acesso ao blog ou ler suas postagens, já construímos imagens (*ethos* pré-discursivo), pois o relacionamos a outros similares e por possuímos em mente informações do seu responsável. Isto é, sabemos que ali é um espaço destinado a dicas gramaticais; e que quem vai escrever e postar neste blog é um professor de língua portuguesa, o qual se acredita que domine todas as regras da Gramática Normativa. Este *ethos* pré-discursivo é confirmado pelos leitores já no texto inaugural de Sérgio Nogueira, que enfatiza que seu blog é:

- (4) **Para você que gosta da língua portuguesa ou precisa conhecer melhor os segredos do nosso idioma**, estarei aqui em todas as quartas-feiras. Serão principalmente dicas que possam ajudá-lo a enfrentar nossos concursos e aprimorar sua comunicação oral e escrita. (grifos nosso)

À medida que os leitores constroem uma imagem do blog e de Sérgio Nogueira, este também modela seu discurso em função de seus leitores. Por isso, da posição discursiva ocupada, enquanto sujeito, ele deixa claro que ali as pessoas resolverão seus problemas, sairão na frente em concursos e vestibulares, ou seja. Este sujeito age como um vendedor de ilusões, uma vez que transparece que ao

aprender e dominar as regras gramaticais, os telespectadores e leitores resolverão seus problemas de ordem profissional e existencial, como afirma Possenti (2003).

Além disso, o sujeito em questão argumenta que a Língua Portuguesa possui segredos, os quais ele, como um bom desbravador, irá desvendar e expandir à sociedade. Assim, retomamos o terceiro grupo de princípios de controle dos discursos determinado por Foucault (2009), pois ao resolver as questões propostas pelos leitores, ele estaria dando acesso às áreas não abertas da Língua Portuguesa. Por conseguinte, ele e os demais gramáticos, os quais fazem parte de uma das classes dominantes em relação aos estudos linguísticos desde a Antiguidade Clássica, são partícipes das chamadas *sociedades de discurso*, uma vez que são os “guardiões” da Língua legítima, da forma “correta” de falar/escrever português, fazendo circular socialmente o que lhes interessam.

Em se tratando dos *posts*, de forma geral, constatamos que as explicações são puramente gramaticais, seguindo assim os pressupostos da Gramática Normativa, a qual estabelece a forma “correta” e “errada” de utilizarmos a língua, como já observamos acima. Sendo assim, percebemos que todos os *posts* giram em torno deste paradigma, como podemos observar nos seguintes títulos: *inverissível ou inverossímil?*; *Até as 10h ou até às 10h?*; *Venda MONSTRA ou venda MONSTRO?*; *HÁ ou A? PORQUE ou POR QUE ou PORQUÊ ou POR QUÊ?*

Nessa perspectiva, concordamos com Possenti (2009a, p. 9) ao afirmar que na mídia as discussões sobre língua são “[...] pequenas análises, sem pretensão de exaustividade e mesmo de grande precisão”, acrescentando ainda que “as colunas sobre língua que circulam em nosso meio nunca ultrapassam a repetição das mesmas receitas simplificadas e resumidas”. São comuns neste tipo de blog as dúvidas referentes ao uso do acento grave (crase), à concordância verbo-nominal, à troca de letras (como o *u* pelo *l*) etc. As explicações para tais questões, muitas vezes, são confusas para os leitores, uma vez que o sujeito responsável por tais postagens utiliza termos e conceitos puramente normativos. Assim, os leitores devem possuir um conhecimento prévio das noções gramaticais para que o entendimento seja efetivado. Vejamos:

- (5) [...] Numa **locução verbal** em que o **verbo principal for impessoal** (HAVER no sentido de “existir”, por exemplo), o **verbo auxiliar** fica obrigatoriamente no SINGULAR (=porque não há sujeito): “DEVE HAVER alunos espalhados pelo pátio da escola”; (grifos nosso)

Podemos verificar acima que o leitor, para compreender tal explicação, deve saber o que é uma locução verbal, distinguir o verbo principal ou auxiliar de uma oração, e se é pessoal ou não. Além disso, constatamos que algumas dicas têm tom humorístico ou irônico:

- (6) Ex. 5: [...] O medo era tanto que a cegueira foi inevitável. Deve ser por isso que muita gente “paraliza” com “z”.

Por maior que seja o medo, toda PARALISAÇÃO se escreve com “s”.

Se você quiser PARALISAR, tudo bem. Mas, pelo amor de Deus, PARALISE sempre com “s”.

- (7) E por fim, a mais brilhante das declarações: “Não tenho conhecimento, por exemplo, de que haja cortes no programa de mortalidade infantil”.

Veja a que ponto chegamos. O Brasil já tem até programa de mortalidade infantil. Está tudo programado. E o que é pior: não sofrerá cortes. Que tal cortar a língua?

No enunciado (6), observamos que Sergio Nogueira utiliza-se do humor para explicar que a palavra paralisação se escreve com *s* e não com *z*. No enunciado (7), por sua vez, constatamos que o mesmo tece críticas à confusão feita por um ex-ministro ao trocar o termo “natalidade” por “mortalidade”. Sugerindo, dessa forma, que seja cortada a língua, como se fosse um pecado, ou até uma maldição, a troca de um termo por outro.

Diante dos enunciados expostos, verificamos que a construção de imagens da língua no blog *Dicas de Português*, assim como em seus similares, corrobora para um *ethos* de língua homogênea e pura, visto que os falantes de português devem abolir de seu vocabulário as formas “erradas” de falar e escrever. Sobretudo, a imagem de língua apresentada é simplificada, uma vez que não leva em conta o processo de mudança e as variações linguísticas. Ao passo que a mídia constrói uma imagem de língua pura e transparente, colabora para que o discurso da Gramática Normativa seja um *discurso constituinte*, pois é nesta que encontramos o modo legítimo e “correto” de falar e escrever. Desse modo, os postulados da Gramática é o referencial mais elevado que temos para as discussões linguísticas, sendo requisitados em todos os momentos pelos gramáticos e puristas. Além destes, a população em geral colabora para essa perpetuação, uma vez que é senso comum a ideia de que temos que dominar as normas gramaticais para possuímos um bom *status* e não sermos colocado à margem da sociedade, como pessoas incapazes



de dominar seu próprio idioma. Portanto, concordamos com Baronas (2003, p.88) ao afirmar que é “justamente essa extrema valorização da língua padrão como algo positivo que possibilita que os sujeitos se tornem cúmplices de sua própria submissão linguística”.

Algumas considerações

Como podemos verificar nas análises acima apresentadas, Sérgio Nogueira, da posição-sujeito professor de língua portuguesa, veicula uma imagem de língua pura e homogênea, uma vez filia-se a uma tradição gramatical que defende a existência de uma única forma de falar/escrever “corretamente”, sendo as demais consideradas “erros” que empobrecem a língua portuguesa. Esta postura, consoante Possenti (2009a), não é somente de um gramático, e sim de uma escola, de um estilo, de um discurso, visto que este tipo de blog é muito comum. Na mídia temos análises “estilo cursinho”, ou seja, “apresentação de soluções repetitivas, breves e parciais e, frequentemente, inexatas, sobre dados também quase parciais, frequentes nos materiais de cursinho [...]” (POSSENTI, 2009a, p. 81).

Dessa forma, no referido blog, só temos um único ponto de vista e a perpetuação de uma “verdade” em relação ao ensino-aprendizado de língua, que corrobora a instauração do discurso da Gramática Normativa como um discurso constituinte, ou seja, um discurso que possui grande autoridade e importância, como: o discurso religioso, o filosófico, o científico. Portanto, podemos afirmar que o fracasso dos alunos em provas de âmbito nacional e internacional não é somente da escola, mas da sociedade em si, uma vez que esta valoriza o escrever “corretamente” as mesmas palavras e frases da gramática, ao invés de se preocupar com a capacidade deles serem sujeitos do próprio texto, defendendo ideias e construindo seu próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Agnaldo. Et al. O professor de língua materna e as imagens de si. **Interdisciplinar**, v. 10, ed. especial, p. 317-327, 2010.

AMOSSY, Ruth. Da noção de retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Editora Contexto, 2008.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

BARONAS, Roberto. A língua na malha do poder. GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Editora Contexto, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NOGUEIRA, Sérgio. **Dicas de português**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/portugues>>. Acesso em: 25/05/2011.

PACHECO, Ricardo Gonçalves; MENDONÇA, Erasto Fortes. **Educação, sociedade e trabalho**: abordagem sociológica da educação. 32. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.



EDIÇÃO Nº 19 JANEIRO DE 2017
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 20/10/2016
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2016

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a língua na imprensa. GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

POSSENTI, Sírio. **Malcomportadas línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.